

O SENHOR DA HISTÓRIA E AS TENTAÇÕES DO BAIXO SÃO FRANCISCO: a festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá/SE (1962-1987)

Magno Francisco de Jesus Santos
(Faculdade Pio Décimo - Aracaju/SE)

Resumo: A festa de Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Propriá é a principal romaria do Baixo São Francisco, atraindo romeiros de várias localidades dos estados de Sergipe e Alagoas. A procissão foi criada em 1921 e ao longo do século XX passou a evidenciar diferentes culturas políticas, indo da campanha contra o comunismo até a luta em prol da reforma agrária. O propósito desse artigo é compreender as culturas políticas na festa de Bom Jesus dos Navegantes entre 1921 e 1987. Por meio do jornal católico "A Defesa" é possível problematizar as diferentes acepções atribuídas a festividade, assim como a construção da instável relação entre Estado e Igreja.

Palavras-chave: Festa, Igreja, Estado.

Resumen: La fiesta de Bom Jesus dos Navegantes en la ciudad de Propriá es la romería principal del Bajo São Francisco, que atrae a peregrinos de diversas localidades de los estados de Sergipe y Alagoas. La procesión se estableció en 1921 y durante todo el siglo XX comenzó a mostrar las diferentes culturas políticas, campaña permanente contra el comunismo a la lucha por la reforma agraria. El propósito de este artículo es entender las culturas políticas en la celebración de Bom Jesus dos Navegantes entre 1921 y 1987 a través de la prensa local puede discutir los diferentes significados atribuidos a la fiesta, así como la construcción de la relación inestable entre la Iglesia y el Estado. **Palabras clave:** Fiesta, Iglesia, Estado.

Introdução

Propriá, Estado de Sergipe. Final do segundo decênio do século XX. O dia estava chuvoso, mesmo assim um grupo de pescadores entrou em um barco e navegou pelas águas do Rio São Francisco em busca do sustento. A chuva e o vento eram ininterruptos. As águas do rio ficavam paulatinamente mais turbulentas e a forte correnteza ameaçava a vida dos tripulantes. Naquele dia, a pescaria não era mais a preocupação maior, mas sim a sobrevivência, pois o naufrágio era eminente. Sem ter como agir diante da morte, os pescadores rogaram aos céus, imploraram ao Bom Jesus dos Navegantes que poupasse suas vidas e em troca os mesmos construiriam uma capela e organizaria uma festa para honrar seu santo nome. Promessa feita, graça atendida. A chuva e o vento cessaram. As águas acalmaram. Os pescadores sobreviveram.

Nascia assim o mito fundador da maior festa católica do Baixo São Francisco. Essa narrativa é repetida inúmeras vezes pelos moradores da cidade de Propriá, alegando que a devoção ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes na cidade iniciou-se a partir de uma desobriga, de uma prática ex-votiva, ou seja, de uma promessa realizada por humildes pescadores. Assim

como a maior parte dos grandes santuários do Brasil, a festa do Bom Jesus teria iniciado em Propriá a partir da ação segmentos populares, de uma parcela da sociedade marginalizada.

É importante ressaltar que essa narrativa não é exclusiva da cidade de Propriá, pois em diferentes localidades, como Aracaju e Salvador, localidades em que há forte devoção ao Senhor dos Navegantes, os enredos perpassam pelos mesmos componentes: pescadores à deriva em meio a tempestade, desespero, súplica ao sagrado e o milagre da sobrevivência. Em todos os casos, a cosmovisão do homem religioso evidencia a manifestação do sagrado diante de uma situação-limite e de um elemento da natureza, a água. Segundo Mircea Eliade “o simbolismo das águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração”(ELIADE, 1992). Nesse caso, sobreviver a um incidente nas águas implica no submergir de um novo homem, do homo religiosus, ou como afirma o evangelho de João, 3, 5, "quem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus".¹

Esses elementos evidenciam uma proximidade entre os santuários devotados a Bom Jesus dos Navegantes, como também aparentemente conota uma reatualização das narrativas bíblicas. A devoção ao “Senhor dos Mares”, repetida anualmente na festa realizada no último domingo de janeiro, na “princesa do Baixo São Francisco” seria uma continuidade dos milagres que Cristo teria realizado na Jerusalém antiga. Por esse ângulo, a festa dos Navegantes seria uma lembrança do milagre, uma estratégia de promover o retorno ao tempo sacro, ao tempo mítico da Bíblia. Aparentemente a tradição oral de Propriá busca reconstruir o incidente dos pescadores anônimos no Rio São Francisco ao Evangelho de São Marcos, 4, 35-41.

Nesse dia, quando chegou a tarde, Jesus disse a seus discípulos: “Vamos para o outro lado do mar.” Então os discípulos deixaram a multidão e o levaram na barca, onde Jesus já se encontrava. E outras barcas já estavam com ele. Começou a soprar um vento muito forte, e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já estava se enchendo de água. Jesus estava na parte de trás da barca, dormindo com a cabeça num travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram: “Mestre não se importa que nós morramos?” Então Jesus se levantou e ameaçou o vento e disse ao mar: “Cale-se! Acalme-se!” O vento parou e tudo ficou calmo. Depois Jesus perguntou aos discípulos: “Por que vocês são tão medrosos? Vocês ainda não tem fé?” os discípulos ficaram muito cheios de medo e diziam uns aos outros: “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?”²

O evangelho atribuído a São Marcos narra um dos mais conhecidos milagres de Jesus, momento no qual o mesmo teria se imposto sobre a natureza, apresentando assim a sua

face sobrenatural, divina. O referido milagre é apresentado na Bíblia como a ocasião em que Jesus se revela como o “Senhor da História”, mantendo-se calmo diante do medo dos discípulos pescadores. O referido episódio corresponde ao mito fundador de uma das devoções mais populares no Brasil, a do Bom Jesus dos Navegantes. Em Propriá, a partir de 1921 a procissão fluvial tornou-se uma das principais expressões do catolicismo sergipano, constituindo a maior romaria do Baixo São Francisco e que envolve a população de inúmeras cidades de Sergipe e Alagoas. Todavia, ao longo do século XX a romaria passou por muitas transformações, sendo recriada, reinventada, ressignificada.

Esse artigo tem como foco a festa de Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Propriá. O propósito é discutir as diferentes culturas políticas aferidas à solenidade entre o ano da criação, 1921 e 1987, ano em que cessou a circulação do periódico “A Defesa”, mantido pela Diocese de Propriá. A partir dos periódicos da cidade, propomos discutir a relação entre Estado (na esfera municipal) e Igreja, que a partir da década de 60 do século XX passou a evidenciar um discurso polissêmico, com evidências acerca das tensões entre grupos políticos divergentes.

Neste sentido, iremos discutir “o político mais que político”(RÉMOND,2007), pois trataremos de uma festa que transita entre a esfera da ortodoxia católica reformadora, a ação de lideranças políticas do Baixo São Francisco e a participação devota dos segmentos populares, majoritariamente constituída por pescadores. As tensões e a complexidade social da cidade não se camuflam na festa, mas sim, se reinventam, se reconfiguram no enredo da romaria.

O diálogo entre as elites políticas municipais e Igreja a respeito da festa dos Navegantes em Propriá não ocorreu ao acaso, sem propósito explícito. Havia um aspecto da festividade que afligia tanto os políticos como o clero paroquial e posteriormente diocesano, que era a participação das camadas populares na romaria. Ambos viam esse grupo como alvo de possíveis ações reformadoras, de controle, de civilização dos costumes. Essa atmosfera sobre os populares não constitui uma realidade atípica, pois o historiador Edward Thompson alerta que a cultura popular se configura como arena de elementos conflitantes (THOMPSON, 2007). É justamente nessa arena que se torna possível compreender a pluralidade de significações atinentes à romaria.

Todavia, o discurso a respeito da romaria sofreu inúmeras alterações ao longo do século XX, principalmente a partir de 1960, ano no qual foi criada a Diocese de Propriá e Dom José Brandão de Castro tornou-se bispo (NASCIMENTO FILHO, 2004). Em cada momento os

agentes preocupados em civilizar a maior festividade ribeirinha apresentava um mal a ser extirpado, um inimigo a ser vencido. Nesse artigo discutiremos três desses inimigos, apresentados muitas vezes como agentes de Satã ou sob a metáfora de tempestades: a cultura popular, o comunismo e a desigualdade social.

1- A primeira tentação: o profano transvestido de popular

Último domingo de janeiro. Era dia de festa. Era o encerramento da principal romaria do Baixo São Francisco. Pelas ruas, andavam grupos de romeiros, promesseiros vindos de várias cidades sergipanas. Pelo Rio São Francisco, chegavam barcos de todos os tipos, principalmente canoas e tototós³ das cidades ribeirinhas, como Neópolis, Santana do São Francisco, Brejo Grande, Ilha das Flores, Porto Real do Colégio e Penedo (BRITTO, 2010).

A popular festa tinha início no domingo anterior, quando era celebrada uma missa na capela do Senhor dos Navegantes e posteriormente a imagem posta sobre uma charola-barco era trasladada para a igreja matriz Santo Antônio. Essa primeira procissão apresentava-se como o momento de pagamento de promessas e de considerável participação das classes populares de Propriá, especialmente os pescadores, como ocorria em Aracaju (SANTOS, 2006). Contudo, é pertinente afirmar que a primeira procissão do ciclo festivo do Bom Jesus fosse apenas de caráter paroquial, contando com poucos romeiros de outras localidades. De acordo com Adelina Britto, essa procissão envolvia os moradores da cidade e os proprienses que viviam em outros estados e voltavam à cidade no mês de janeiro com o duplo intuito de visitar familiares e assistir a mais tradicional festa do Baixo São Francisco (BRITTO, 2010).

No decorrer da última semana de janeiro via-se levas de romeiros adentrando a cidade, no intuito de cumprir a desobriga, de agradecer pelas cheias do rio, por ter obtido o pão de cada dia. A imprensa local registrava a chegada dos primeiros romeiros, muitas vezes caminhado a pé, em carroças e caminhões pau-de-arara. Em 1962 “A Defesa” noticiou que “caravaneiros de cidades vizinhas aqui chegam para participar da festa típica do Baixo São Francisco”.⁴

A assertiva apresentada na imprensa evidencia que a festa era um momento de júbilo da cultura popular sanfranciscana, pois não envolvia apenas os moradores da cidade, mas de praticamente toda a região. Isso fazia com que houvesse uma maior preocupação, levando-se em consideração que a pequena procissão criada como forma de pagamento de uma promessa

tinha se transformado na mais importante romaria da região, em ocasião de regurgito da cultura popular. “A Defesa” anunciava:

Mais uma vez, a cidade-líder do Baixo São Francisco, vai comemorar o Padroeiro dos que navegam – O Bom Jesus. O último domingo de janeiro é tradicionalmente em Propriá o dia do Bom Jesus, havendo mesmo uma Lei Municipal que regulamenta essa data. De todo o Estado virão os sergipanos, para participar da procissão que é o acontecimento de maior vulto na zona norte.⁵

O anúncio do jornal católico de Propriá, “A Defesa”, apresenta algumas questões de grande relevância para entendermos as inquietações diante da festa de Bom Jesus. Primeiramente o jornal evidencia o grau de desenvolvimento da localidade, tida como o principal núcleo urbano, a mais dinâmica e efervescente cidade da região. Propriá até o final da década de 60 do século XX era considerada uma das principais cidades de Sergipe. Nesse sentido, pode-se dizer que ela era considerada o símbolo maior de civilização na região norte do estado, um exemplo para as demais localidades. O segundo ponto a ser considerado refere-se a ideia de tradição para a solenidade de Bom Jesus. O jornal afirma que a procissão era o acontecimento de maior vulto na zona norte. Certamente, entre as festividades católicas de Sergipe, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá era uma das que envolvia a maior participação de romeiros, perdendo apenas para a badalada solenidade do Senhor dos Passos, na cidade de São Cristóvão, ex-capital sergipana (SANTOS, 2011). Neste caso, a ideia de tradição imbuída a festa não estaria simplesmente associada a longevidade da mesma, mas principalmente em decorrência do elevado número de romeiros que dela participavam.

O terceiro ponto atinente à questão dos conflitos no enredo da festa presente na notícia de “A Defesa” refere-se a regulamentação das tradições. A festa que teria surgido a partir da ação de pescadores e que era realizada no último domingo de janeiro para celebrar a vazante do Rio São Francisco passou a ser regulada, normatizada pelo Estado. Prova disso foi a lei aprovada proibindo a realização da procissão fluvial em outra data, além de determinar como seria a distribuição das barracas de camelôs pela cidade. Paulatinamente, Propriá transformava o festejo popular dos anônimos em uma solenidade oficial, controlada, regida pelas esferas pública municipal e estadual.

Essa preocupação em normatizar a festa evidencia uma relação conflituosa, tensa, maculada pelas arestas entre o Estado e as camadas populares. Esse conflito abre brecha para entendermos a pluralidade da cultura festiva do Baixo São Francisco, pois “as culturas,

concebidas não como ‘formas de vida’, mas como ‘formas de luta’ constantemente se entrecruzam (HALL, 2003)”.

As formas de luta marcaram a trajetória da festa dos Navegantes. Em poucos anos os pescadores que criaram a festividade foram afastados da organização, sendo substituídos pela elite local, primordialmente pela elite política. Um sinal disso é que na festa de 1946, ocasião em que foram celebradas as bodas de prata da solenidade, apenas um dos fundadores da primeira procissão fez parte da organização e mesmo assim sem ocupar cargos de destaque na comissão organizadora.⁶ As expressões populares da festa passavam a ser gerenciadas pela comissão organizadora, que a cada ano envolvia um número maior de políticos locais, como a poderosa família Britto. Em 1964, a comissão organizadora teve como presidente de honra o governador do Estado, João Seixas Dória (CARDOSO, 2009). Além disso, a comissão executiva foi presidida pelo prefeito municipal, Geraldo Maia. O que isso significa? A romaria que já era a mais importante de toda a zona norte do Estado de Sergipe mostrava-se como uma das mais significativas expressões da cultura sergipana, ícone da religiosidade católica. A presença do nome do governador como presidente da comissão organizadora revela que a festividade era de caráter oficial e sua abrangência não era mais municipal ou regional. A festa dos navegantes era de alcance estadual.

A movimentação na cidade de Propriá aumentava a partir da segunda quinzena do mês de janeiro. Os comerciantes começavam a armar as barraquinhas nas principais vias públicas por onde as procissões transitavam. Na Praça da Catedral e na rua da capela de Bom Jesus dos Navegantes eram montados palcos para a celebração de missas campais. Com os políticos locais e estaduais assumindo a organização geral do evento, os pescadores e as camadas populares da cidade passaram a se ocupar de outras questões da festa, nos arrabaldes da cidade. A partir do dia 15 de janeiro “movimentavam-se os festeiros para organizar barraquinhas e outras atrações populares”⁷

Os segmentos populares de Propriá encontraram outra forma de homenagear o patrono dos pescadores. Ao longo da semana da festa os moradores dos bairros às margens do Rio São Francisco se organizavam na preparação dos mastros para homenagear o patrono dos pescadores na procissão fluvial. Era o momento no qual as comunidades ornamentavam a orla com bandeirolas e embelezavam o mastro com fitas devocionais, ramos de flores e o estandarte com a imagem do santo protetor. Ao todo eram erguidos quatro⁸ mastros, o que provocava uma concorrência entre os moradores para tentar fazer a ornamentação mais imponente. É importante ressaltar que dois mastros eram permanentes e apenas o da Poeira e

do Pau de Arara eram erguidos 15 dias antes da festa, reunindo expressões da cultura popular, como banda de pífanos,⁹ promesseiros e benzedeadas. No entender de Adelina Britto:

O mastro votivo é preparado com tronco de árvore de 5 a 10 metros de altura, é um dos elementos simbólicos importantes da festa. Sua presença assinala que o local está em período de festa. Costuma ser pintado ou enfeitado com folhas, frutos, bebidas e fitas coloridas (...). Os moradores do bairro concentram-se em volta do mastro e noite após noite dão brilhantismo ao festejo do Bom Jesus dos Navegantes, com orações, cânticos, danças e bebedeiras, já se tornando um espetáculo a parte para o visitante que na cidade chega.¹⁰

Como se pode perceber, os mastros se tornaram em locais apropriados para a expressão da cultura popular. Os pescadores, fundadores da festa e paulatinamente excluídos do enredo central encontraram outra forma de marcar presença, de reatar os laços com a imagem devocional e permanecer com suas práticas culturais marginalizadas da festa nos arredores da catedral diocesana. Diante dos mastros a população periférica evidenciava o lado descontraído da celebração, com música, bebidas e danças. Distantes do olhar purificador do clero e do poder civilizatório da esfera pública, os segmentos populares tentavam recriar uma leitura de mundo pautada no diálogo cultural que transitava entre o sagrado e o profano. Aparentemente duas realidades antagônicas, que na prática se uniam a ponto de não haver como distingui-las.

Por esse ângulo, podemos entender a difusão dos mastros como uma estratégia de resistência, de luta das camadas populares para poder continuar a celebrar o santo de devoção. Prova disso é localização dos mesmos, pois todos ficavam em bairros nos quais a maior parte da população era constituída por pescadores. Todavia, o que significa o mastro? Qual era a importância simbólica desses elementos que erguiam as bandeirolas do Senhor dos Navegantes? Geralmente o mastro é apresentado como ícone do poder, o elemento masculino que penetra a terra e se ergue para os céus. Segundo Luís da Câmara Cascudo, o mastro simboliza a fecundação (CASCUDO, 1988).

Todavia, é preciso ir além, buscar entender quais são os diferentes significados atribuídos aos símbolos pela sociedade na qual se encontram inseridos. O olhar do historiador, nessa acepção, deve diferenciar do olhar do folclorista, pois “na história todo significado é um significado dentro-de-um-contexto” (THOMPSON, 2007). Dessa forma, devemos entender a presença dos mastros nos bairros periféricos da cidade como uma expressão da demarcação da territorialidade, da afirmação identitária dos pescadores que criaram a festa e explicitam de

seus bairros, a devoção ao patrono dos navegadores. Nesse caso, os mastros realçam a busca pelo poder das camadas populares da cidade, colore as ruas marcadas pela exclusão, avivam a presença de segmentos sociais que são negligenciados no restante do ano. A relação entre a Igreja e o poder não pode ser discutida exclusivamente pelo viés da política partidária. A trajetória social é muito mais complexa. As redes de sociabilidades envolvem diferentes grupos sociais, que negociavam (ABREU, 1999), que lutam, que fazem história. Assim, “a estrutura, em qualquer relação entre ricos e pobres, sempre corre de mão-dupla, e essa mesma relação, quando girada e vista em perspectiva inversa, pode expor uma heurística alternativa” (THOMPSON, 2007).

Paulatinamente, os mastros foram inseridos na programação da romaria, tornando-se em ponto obrigatório de visita dos romeiros e moradores da cidade. Com isso, a partir da década de 50 do século XX, a festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá passou a apresentar uma programação que envolvia moradores e visitantes em oito dias de atividades, como pode ser observado no Quadro I.

Quadro I

Programação das festividades de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá em 1972¹¹

Dia	Horário	Local	Evento
Domingo	16:00	Capela Bom Jesus dos Navegantes	Missa
	17:00	Ruas da cidade	Procissão de transladação da imagem para a Catedral
Terça	19:00	Tecido	Procissão e missa no mastro
Quarta	19:00	Poeira	Procissão e missa no mastro
Quinta	19:00	Pau de Arara	Procissão e missa no mastro
Sexta	19:00	Banca do Peixe	Procissão e missa no mastro
Sábado	19:00	Catedral	Missa na Catedral
Domingo	5:00	Mastros e igrejas da cidade	Alvorada festiva com foguetório e repicar dos sinos
	7:00	Catedral	Missa
	8:00	Igreja do Rosário	Missa
	9:00	Catedral	Missa Solene
	Manhã	Rio São Francisco	Competições de barcos
	15:00	Rio São Francisco	Procissão Fluvial
	16:30	Praça da Catedral	Missa campal
	Noite	Praça da Catedral	Retretas com bandas de música

Como se pode perceber, os mastros foram incorporados na programação oficial da romaria, possivelmente como forma de tentar se forjar uma ordem na ação das camadas populares. Ao longo da semana festiva, em quatro noites havia pequenas procissões da imagem para as margens do rio, para a realização de uma missa diante dos mastros. Com isso, a Igreja tentava minimizar a manifestação tida como profana, marcada pelas expressões da cultura popular ribeirinha, com danças, batuques e bebidas, a partir da inserção de uma celebração religiosa. Mais uma vez o diálogo entre o popular e as instituições foi tingido pela negociação. Para a Igreja era imprescindível promover a expansão dos seus domínios, propagando a ideia de festa religiosa para além do itinerário que ligava a Catedral Santo Antônio a capela Bom Jesus dos Navegantes. Para os pescadores que organizavam os mastros, receber a imagem do Bom Jesus era também muito significativo, pois elucidava a legitimação da sacralidade do mastro e o reconhecimento da comunidade como um dos focos das festividades.

A festa do Bom Jesus se tornou a ocasião para reunir familiares distantes, moradores da cidade que migraram para outros estados do Brasil. Assim, o mês de janeiro se tornou período de reatar os laços familiares e de reencontro com a principal expressão cultural do Baixo São Francisco. As casas da cidade ficavam superlotadas, abrigando familiares, romeiros e visitantes. O ápice desse aumento demográfico ocorria na última semana de janeiro, como atesta a manchete de “A Defesa” de 1972:

Visitantes e turistas de cidades vizinhas ou distantes, pessoas ligadas pelo parentesco as nossas famílias, romeiros do Bom Jesus dos Navegantes recebam os cumprimentos de boas-vindas da nossa gente, nesse dia que, todos unidos para uma das maiores festividades do Baixo São Francisco, estreitamos mais ainda os laços da fraternidade e da amizade.¹²

A manchete festiva voltada para as boas-vindas aos romeiros e visitantes elenca alguns elementos que caracterizariam a grande festa, como a união, fraternidade, hospitalidade e laços familiares. Uma romaria de paz e união era pintada no impresso católico, no intuito de transformar uma romaria de importância estadual em evento turístico. Onde estavam os conflitos, os impasses, o confronto entre as diferentes camadas sociais? Aparentemente, sufocadas pelo elo que aproximava populares, elite, clero e Estado. Mas cada ator da festa apresentava um interesse, um propósito sobre a mesma e isso abria brechas para a compreensão das tensões que enredavam a sociedade de Propriá ao longo do século XX.

Um importante intelectual sergipano, Severiano Cardoso,¹³ em sua corografia afirmou que a cidade de Propriá “divide-se em dous bairros, rivaes ente si, e cuja divergência chegou ao ponto de fazerem diferenciação até nas roupas de uso *ordinaris*” (CARDOSO, 1895). De um lado o centro comercial, com seus sobrados imponentes às margens do rio, abrigando uma poderosa elite, sendo muitos proprietários de fazendas no sertão sergipano. Do outro, os pescadores e operários das fábricas de tecidos, pobres que viviam na periferia sem condições de salubridade e de higiene. Certamente, a festa não camuflava a rivalidade e marginalização dos pobres, mas sim se revelava como ocasião propícia para o clero e a elite local imporem a ordem, sob o discurso da civilização. Um indício disso foi a observação incluída na programação da festa de 1978 na publicação do jornal “A Defesa”, no qual “recomenda-se muita prudência aos encarregados de soltar fogos. Pede-se a todos muita atenção e hospitalidade. Em todos os atos religiosos espera-se o máximo respeito e a máxima participação. A festa é todos e para todos”.¹⁴

A observação da Diocese de Propriá sobre a organização da festa dos Navegantes revela um sinal das querelas que se encontravam submersas no enredo da romaria. Estado e Igreja silenciavam sobre outras tensões que arrolavam nos bastidores da grande festa, no intuito de se unirem para controlar um grupo que, em pleno fim de século, ainda preocupava a ambos: os segmentos populares. Observe que o texto se refere aos encarregados de soltar fogos. Mas também solicita um maior envolvimento nas celebrações religiosas, que certamente após a criação de inúmeras atividades nos mastros e no rio, com as famigeradas corridas de barcos, passavam por certo esvaziamento. Seria o início de uma nova crise? Seria uma fissura na relação Estado/Igreja? Esse sinal é pouco para firmar tal situação, mas é um indício sobre o contexto. Para Michel Pollak:

Existem lembranças de uns e de outras zonas de sombras, silêncios, não-ditos. A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma memória subterrânea de uma sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade ou Estado desejam passar ou impor.¹⁵

Os silêncios da imprensa sobre a festa aumentou no final da década de 70 e início dos anos 80 do século XX. A imprensa católica registrava apenas manchetes do tipo “milhares de pessoas vão testemunhar a sua fé”,¹⁶ sem complemento de textos como ocorria nos decênios anteriores. Todavia, a preocupação em civilizar as camadas populares permanecia em vigor, convocando para as celebrações na Catedral e para que apresentassem

conduta de respeito no momento das procissões, pois quando os barcos passavam diante dos mastros e eclodiam no ar o estrondo dos fogos, enquanto os moradores diante do mastro dançavam para comemorar a passagem do Bom Jesus e o sucesso do mastro que simbolizava a comunidade.

E o poder público, como ficava em meio a essa negociação? A prefeitura municipal buscou transformar a festa do Bom Jesus em atrativo turístico, principalmente a partir da década de 70 do século XX, momento no qual os militares do governo federal tentavam fortalecer o turismo nacional por meio do uso das expressões da cultura popular e do folclore (SÁ, 1995). Com isso, mastros, corridas de barcos e apresentações de pastoris e pífanos eram integrados nas celebrações, como atrações para os turistas e romeiros. Assim, as danças que serviam para os moradores louvar o santo e congregar os ribeirinhos diante dos mastros, passaram a ser usadas como apresentações artísticas, em palcos montados nas principais praças da cidade. O ápice dessa apropriação da cultura popular pelo poder público ocorreu em 1985, quando o então prefeito municipal, Luís Medeiros Chaves, juntamente com o governador do Estado de Sergipe, João Alves Filho e a coordenadora do Centro Social Urbano, Maria das Graças Nascimento, criaram a I Semana Cultural de Propriá, que anos depois passaria a ser denominado de Encontro Cultural.

Essa política cultural que uniu a esfera pública municipal e estadual, além da esfera privada da cidade teve como intuito aumentar o controle sobre as atividades culturais das camadas populares, forjando-se uma identidade ribeirinha e construindo um espaço para o desejado turismo cultural. Essa política cultural de uso da cultura popular pelo Estado tinha galgado força no decênio anterior, quando algumas cidades com relevante patrimônio arquitetônico colonial passaram a abrigar festivais e encontro culturais, como em Ouro Preto, Penedo e São Cristóvão. Com isso, em Sergipe foram criados o Festival de Arte de São Cristóvão (1972) e Encontro Cultural de Laranjeiras (1976) (NUNES, 1993). Propriá se tornava assim a terceira cidade sergipana a integrar o leque da diversidade folclórica, tendo a novidade de apresentar a cultura ribeirinha. Desse modo, o poder público levava as camadas populares para os palcos, para exibir o folclore do Baixo São Francisco e fomentar o turismo em Sergipe.

2- A segunda tentação: o comunismo anticristão

Certamente havia um "agente de Satã" bem mais perigoso do que as camadas populares da festa de Bom Jesus dos Navegantes e que preocupavam tanto o clero, como Estado. Era o comunismo. Os púlpitos das igrejas de Propriá nos dias de festa eram transformados em campos de batalhas contra a disseminação das ideias perigosas, consideradas subversivas, contra a ameaça ao poderio da Igreja, da propriedade privada e da família. É muito provável que grande parte da luta em prol da civilização das camadas populares, a partir da segunda metade do século XX, na festa dos navegantes em Propriá tenha ocorrido visando evitar as tentações do comunismo entre os pobres do Baixo São Francisco.

As estratégias usadas pelo clero e pelo poder público para construir um sentimento anticomunista entre os romeiros perpassavam pelo apelo a devoção do Bom Jesus e aos símbolos nacionais. A Diocese de Propriá, em diferentes anos, usou o evangelho de São Mateus sobre o episódio do milagre do Cristo que acalma as águas e os ventos para fortalecer a ideia de que a festa celebrava o "Senhor da História". Por essa ótica, os problemas humanos e, principalmente, as mazelas sociais, não seriam solucionadas pela ação dos homens pobres e frágeis, mas pela ação de "Jesus Cristo, o Filho da Virgem Maria; Jesus Cristo, não apenas o maior homem da História do mundo, o Filho de Deus que se fez homem; Jesus Cristo, nosso Salvador e nosso Deus" (CASTRO, 1964).

Os homens de boa fé não deveriam lutar, mas sim rezar e esperar pela boa-nova. Seria o Bom Jesus dos Navegantes, que ajudaria os romeiros e devotos da cidade a superar as tentações, apresentadas quase sempre como tempestades da alma. Em outro texto, a Diocese de Propriá apresentou o Bom Jesus como o "timoneiro da Igreja", prontificado para auxiliar as barcas dos seus romeiros, pois:

A barca frágil é o símbolo da nossa alma que navega sobre as águas da vida; às vezes com sanha violenta, as tentações suscitam a borrasca em torno dela, ameaçando-a de afundá-la no pecado. Ai de nossa alma, se nesse instante não se agarra a Jesus!¹⁷

Eram os pobres romeiros que estavam mais suscetíveis a ação maligna do comunismo, de acordo com a visão da Igreja. Os políticos locais corroboravam com essa posição, aprovando leis e criando espaços específicos para a ação das camadas populares nos festejos, assim como usavam o discurso de que os políticos inspirados no comunismo iriam destruir a Igreja e a fé do povo de Propriá. Nesse ponto, a cultura política da Igreja dialogava bem com a cultura política da elite local, pois os dois grupos se preocupavam com a expansão

do comunismo e com a ordenação das camadas populares. No encerramento da festa de 1964 o Bispo Dom José Brandão de Castro afirmou:

Jesus Cristo mais uma vez, meus caros filhos, está a receber de cada um de nós uma homenagem que não é apenas a expressão de um **culto popular** que, se **externa** em manifestações talvez um pouco **espalhafatosas**, mas que se revela por essa forma um culto **duradouro**; Jesus Cristo, meus caros filhos, neste momento, na Santa Missa, vai receber uma vez mais, as nossas homenagens e o nosso protesto de fidelidade. E a cada um de nós, aqui presente na confluência dessas avenidas, na cruz formada por essas avenidas, cada um de nós neste momento, reafirmando a sua fé em Jesus Cristo vai também reafirmar em Jesus Cristo a sua confiança e o seu amor e dizer: Senhor, vós sois o nosso Deus e o nosso Salvador! Se até agora nós vos ficamos fieis, nós queremos ficar-vos fieis até o fim.¹⁸

A homilia do Bispo Diocesano expressa bem as preocupações com a religiosidade tida como popular. Desde a sua criação, em 1960, a Diocese de Propriá apresentou uma postura considerada progressista, com uma política voltada para a ação social e sob inspiração da Teologia da Libertação (BOFF, 1985). O impresso da Diocese, “A Defesa” também passou a expressar essa leitura da sociedade, publicando textos produzidos por Leonardo Boff. Mas o que teria motivado Dom Brandão de Castro a considerar as práticas católicas dos segmentos populares espalhafatosas e de caráter externo? Seria uma contradição do bispo? O que fez com que ele se referisse de tal forma sobre os cultos populares se havia preocupação com os pobres?

Para entendermos essa assertiva do bispo é preciso problematizar a historiografia religiosa do Brasil, que teve entre seus principais nomes intelectuais que faziam parte do clero, como Riolando Azzi e Eduardo Hoornaert. Mesmo havendo influência de uma política cultural voltada para os excluídos, o discurso construído sobre o catolicismo brasileiro teve como seus principais interlocutores pesquisadores que viam a religiosidade pelo enfoque da Igreja, da ortodoxia, das normativas estabelecidas pelo Vaticano ou pelas diferentes tendências teológicas. Contudo, sempre prevaleceu o olhar distante sobre as camadas populares, criando-se o discurso da religiosidade popular ou como bem enfatizou Dom Brandão, culto popular.

Pensando nessa perspectiva de luta contra o que o clero considerava paganismo e contra a ameaça das ideias comunistas, logo após a criação da Diocese de Propriá, Dom José Brandão de Castro, passou a lutar para levar a cidade congregações religiosas europeias. Com a convocação do Concílio do Vaticano II, o bispo encontrou a ocasião propícia para dialogar

com diferentes ordens religiosas e barganhar a vinda de um clero renovado, europeu, imbuído da missão civilizadora (BEOZZO, 2001). Foi assim que Dom José Brandão negociou com os redentoristas,¹⁸ e, no dia 9 de novembro de 1963, o mesmo confirmou que a “Congregação Redentorista tomara a decisão de fundar uma casa em Propriá sob a responsabilidade da Província Redentorista de Bruxelas”.¹⁹ Os religiosos belgas chegaram a cidade no dia 18 de fevereiro do ano seguinte, ocasião na qual ocorreu uma grande celebração. A partir desse momento, a festa de Bom Jesus dos Navegantes passou a ser regida não somente pelo bispo diocesano, mas também pelos três redentoristas vindos da Bélgica: padre Paulo Labeau, irmão Guido Michel Dessy e padre Nestor Mathieu, que se tornou o novo Cura da Catedral. No mesmo ano, Dom Brandão de Castro confirmou a instalação de uma casa na cidade de Nossa Senhora da Glória para a Congregação dos Padres Marianos, que até aquele momento ainda não tinham casa no Brasil.²⁰

A presença dos Redentoristas na paróquia Santo Antônio da Diocese de Propriá é um fator relevante para se compreender o processo de romanização das romarias sergipanas no século XX. No início do século, duas paróquias de Sergipe que possuíam as maiores romarias do estado foram entregues aos franciscanos alemães. Era a Paróquia Nossa Senhora da Vitória de São Cristóvão, com a romaria do Senhor dos Passos e a Paróquia Santo Antônio de Aracaju, com a romaria de Bom Jesus dos Navegantes. Nos dois casos, o processo de romanização se deu com a substituição do clero secular brasileiro pelo clero regular alemão. Em relação à Propriá, a constituição do santuário foi tardia, pois a festa só foi criada em 1921 e a popularização se deu por volta dos anos 40 do século XX. Todavia, a saída para controlar as práticas devocionais das camadas populares foi a mesma, substituindo o pároco da Catedral por padres belgas. É importante ressaltar que os redentoristas já controlavam alguns dos principais santuários do Brasil, como o do Divino Pai Eterno de Trindade em Goiás, Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, Bom Jesus da Lapa na Bahia e Nossa Senhora do Rocio de Paranaíba, no Paraná (ANDRADE, 2011). Nesse caso, pode-se inferir que o santuário do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá seria de magnitude, pois passaria também a ser administrado pelos religiosos belgas.

Todavia, os Redentoristas não iriam trabalhar somente na organização de uma festa popular às margens do Rio São Francisco. Eles estavam imbuídos da cultura política anticomunista e uniram-se ao bispo diocesano no intuito de fortalecer o fronte contra o perigo das ideias marxistas que eram propagadas entre camponeses e pescadores, principalmente no

tocante à reforma agrária e às benesses providas pela Revolução Cubana (tida como um exemplo de ameaça do comunismo nos países da América Latina). A tempestade do comunismo era considerada aterrorizante e abalava a barca do clero de Propriá:

Barca frágil que leva a Pedro e os Apóstolos é especialmente a Igreja Católica, mas as vezes, com diabólica perfídia, as perseguições suscitam a borrasca para revirá-la e rebentá-la, se possível fosse. Uma vez foi a borrasca de sangue, depois da heresia, hoje é a da imoralidade e do materialismo ateu. Ai dela se todos os dias Jesus não estivesse com ela!²¹

O bispo Dom José Brandão de Castro elencou historicamente alguns fatos que evidenciava a Igreja Católica como perseguida, indo da morte de Cristo até o materialismo histórico, considerado ateu; passando pelas heresias e silenciando sobre a inquisição e inúmeros outros momentos em que a suposta vítima foi algoz. O bispo ressalta que o sofrer seria próprio da trajetória dos católicos e nesse ponto é importante perceber que ele não se refere aos cristãos, mas sim aos católicos, o que mostra que o mesmo já apresentava uma preocupação com o aumento das igrejas protestantes em sua Diocese.²²

Apreensão diante da expressão popular nas festas religiosas, medo do acelerado avanço do protestantismo na Diocese e pânico diante da eminência da reforma agrária. O governador de Sergipe, Seixas Dória apresentava-se entusiasmado com as propostas de João Goulart e contava com o apoio da Arquidiocese de Aracaju, com o arcebispo Dom Vicente Távora. No ano do golpe civil-militar que derrubaria João Goulart e daria início a ditadura, a festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá foi realizada dentro de um cenário de incertezas, com discursos e práticas contraditórias.

Dom Brandão de Castro se mostrava progressista, mas também explicitava suas preocupações com a situação política nacional e local, principalmente em decorrência da aproximação entre o governo brasileiro com Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. Assim, na semana da grande romaria do Baixo São Francisco o jornal católico “A Defesa” publicou um texto discutindo o tema mais polêmico da época: reforma agrária:

Reforma agrária, hoje em dia, é assunto de todas as classes sociais. É o pão de cada dia. Vem ou não vem? Dela falam letrados e analfabetos, ricos e pobres, conscientes e inconscientes. Falam sobre reforma agrária, reforma bancária, reforma tributária e esquecem da única que a do próprio homem, a conscientização do homem. (...). por que é que os cubanos abandonam, a cada momento o ‘paraíso de Castro’? A reforma agrária cubana é pura quimera. O que ali existe é o governo despótico, egoísta e inconsciente a derramar sangue inocente de suas vítimas. A mesma sina está reservada ao Brasil, espoliado e desacreditado por todos... Unamo-nos em prol da paz,

caso contrário haveremos de ver a foice e o martelo substituírem o auriverde pendão de nossa pátria. E isso será o fim.²³

A tempestade do comunismo infortunava o clero diocesano de Propriá. O bispo Dom Brandão de Castro apelava para o sentimento de nacionalidade na tentativa de comover os leitores e devotos do Bom Jesus para impedir a difusão das ideias favoráveis a reforma agrária, apresentada como o primeiro passo para a transformação do Brasil num “suposto Estado despótico”. Nos meses seguintes a festa dos Navegantes, essa tempestade foi aplacada e os ventos tenderiam ficar mais brandos. Nascia a ditadura civil-militar e uma nova tempestade, muito mais feroz, muito mais sorrateira.

3- A terceira tentação: o inimigo era aliado

Eram tempos de ditadura. Eram dias difíceis para a sociedade brasileira. Concomitante ao processo de enrijecimento do regime, o clero diocesano de Propriá se aproximava dos intelectuais inspirados na Teologia da Libertação, voltando o olhar para os pobres, excluídos, marginalizados. A imprensa católica local passou a denunciar as mazelas sociais que afetavam a sociedade do Baixo São Francisco, a pobreza e, especialmente a fome das comunidades mais pobres. Paulatinamente, a imprensa católica foi se transformando em voz dos pobres do norte do Estado de Sergipe. Com o tempo, o comunismo foi deixando de ser considerado uma ameaça, o foco dos embates e das homilias das celebrações religiosas. O púlpito foi transformado em espaço privilegiado de denúncia, de acusação dos desmandos e da desigualdade social do país.

Essa perspectiva delatora adotada pela Diocese de Propriá gerou desconfortos na relação entre a Igreja e o poder público. A elite latifundiária da cidade, que era proprietária de inúmeras fazendas nos municípios às margens do Velho Chico, via como provocativas as homilias do clero que associava os sofrimentos dos pobres aos martírios de Cristo. A cada missa, aumentava a situação de desconforto. A cada número do jornal, aumentava o impacto da população por meio das denúncias dos desmandos dos poderosos em relação aos pobres de diferentes estados brasileiros.

“A Defesa” de Propriá ecoava o sofrimento dos oprimidos de todo o Brasil e gestava silenciosamente o conflito envolvendo a oligarquia do São Francisco com o bispo diocesano, redentoristas e marianos. Podemos entender essa mudança de foco da Igreja em Propriá não apenas como mero reflexo das conferências de Medellin e Puebla (MATOS, 2003), mas sim como a emergência de uma cultura política que vinha se constituindo desde a criação da

Diocese, em 1960. Tratava-se de uma memória subterrânea que eclodiu apenas na década de 70 do século XX, no momento no qual “o endurecimento do regime militar torna a Igreja Católica um dos poucos espaços de ressonância do povo oprimido e marginalizado (MATOS, 2003)”. Ao defender os camponeses, posseiros e índios que lutavam pelo direito a terra, assolou a crise envolvendo Estado e Igreja em Propriá. No entender de Michel Pollak, “essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (POLLAK, 1989).

As animosidades da elite com o clero, fomentada ao longo de décadas, intensificou-se a partir do envolvimento da Diocese na reivindicação dos posseiros de Santana dos Frades e da campanha pelo reconhecimento das terras dos índios Xokó, no município de Porto da Folha. Na edição de fevereiro de 1984 “A Defesa” de Propriá não teceu consideração alguma sobre a festa do Bom Jesus dos Navegantes, pois dedicou todo o jornal a situação da Igreja e dos conflitos sociais, afirmando que “bispos como os de Propriá, Dom José Brandão e de Juazeiro, Dom José Rodrigues são também vítimas de ameaças pelas denúncias que fazem parte das situações de injustiça que se criam ou se pretendem continuar e até agravar a luta pela posse de terra”.²⁴

Porém, o ápice da tensão ocorreu alguns anos antes, em 1978. Era mês de novembro e durante a celebração de uma missa celebrada pelo pároco Etienne, ocorreu um grave incidente na hora da coleta, pois o redentorista, com autorização de Dom Brandão de Castro solicitou aos fieis que doassem alimentos para serem destinados aos índios xokó que estariam passando fome. Após esse pedido gritos ecoaram pela igreja, com homens que eram importantes líderes políticos na região clamavam que ninguém desse ouvidos, pois ali não haveria pessoa alguma passando fome, nem mesmo os referidos índios. Um tumulto em plena catedral diocesana que repercutiu em todo o país. A luta dos índios xokó pela posse da Fazenda Caiçara e da Ilha de São Pedro envolvia importantes setores da sociedade sergipana, como intelectuais da Universidade Federal de Sergipe e a Diocese de Propriá (DANTAS, 1980). Por conta disso, o bispo chegou ser ameaçado de morte, caso tentasse entrar na referida ilha para celebrar missa.

A repercussão do incidente na Catedral Santo Antônio de Propriá na imprensa nacional foi ampla, provocando moções de apoio oriundas de vários estados. Esse apoio também foi angariado entre os intelectuais de esquerda e os bispos de outras dioceses. A festa de Bom Jesus dos Navegantes, realizada sempre no último final de semana de janeiro desde 1921 esteve ameaçada. Todavia, a romaria seria também um momento propício de fortalecer

as convicções da postura adotada pelo clero diocesano, de mostrar como a cultura política da Igreja Católica adotada em Propriá não se afastava dos ensinamentos de Cristo, mas sim, buscava aproximar as ações eclesiais da escolha do próprio Jesus, afirmando a escolha pelos pequeninos, pobres e marginalizados.

Assim, a romaria de 1979 foi voltada para os pobres, com sermões que mostravam como os padres de Propriá tinham tomado a defesa de índios e caboclos espoliados (FREITAS, 1979). Travou-se uma batalha entre os fazendeiros e políticos contra o clero, com acusações recíprocas de desmandos e abusos de poder. Os latifundiários alegavam que o bispo e os seus padres utilizavam o púlpito para fazer política, deixando de celebrar as missas para provocar o povo contra a sociedade. Já o clero acusava os latifundiários de abusarem do poder, de enganar e massacrar os camponeses, índios e caboclos. Contudo, a Diocese de Propriá conseguiu uma importante aliada, a Comissão Pró- Índio. A romaria que corria o risco de não ser realizada foi transformada em palco da manifestação da Igreja contra a classe dominante.

Um grito favorável às camadas populares que alguns decênios antes eram vistas como ameaça a paz nacional e ao bom andamento da religiosidade católica. As expressões classificadas como cultos populares eram apresentados como catolicismo popular, a fala do povo simples no diálogo com o divino.

Em meio às festividades foi incluída uma Missa de Desagravo, reunindo bispos de todo o Brasil, no intuito de condenar a “profanação do templo sagrado da Catedral Diocesana”. Para a imprensa local, a romaria de 1979 foi o maior evento religioso já realizado no Baixo São Francisco, envolvendo romeiros e devotos dos mais variados municípios de Sergipe.

A confluência de diferentes culturas políticas na sociedade de Propriá no final da década de 70 do século XX até meados da década seguinte proporcionou significativas alterações no enredo da festa de Bom Jesus dos Navegantes. Atores anteriormente marginalizados, como as camadas populares, especialmente índios e camponeses se tornaram o foco das homilias. Os pescadores, criadores da festa, passaram a ser vistos como atrações turísticas com a ornamentação dos mastros às margens do Rio São Francisco. Já as camadas populares urbanas, muitas vezes negligenciadas, se tornavam atores que se apresentavam nos palcos do Encontro Cultural, tornando a cidade em expoente da cultura sanfranciscana com seus reisados, pastoris, guerreiros, lampiões e zabumbas. A partir de 1985 os políticos locais tentaram se reaproximar da Igreja, construindo parcerias na organização da romaria e do Encontro Cultural, tendo como importante personagem na interlocução entre os dois grupos

Maria das Graças Nascimento, diretora do CSU e que em 1989 foi eleita prefeita pelo Partido da Frente Liberal. Todavia, em 1997, José Renato Brandão Filho se tornou o primeiro filiado ao Partido dos Trabalhadores a se tornar prefeito de uma cidade em Sergipe, justamente na cidade que tinha o forte colégio eleitoral do governador João Alves Filho e de Maria do Carmo Alves, nascida na cidade. É provável que isso tenha ocorrido em decorrência da gestação de uma cultura política de esquerda, disseminada desde o final da década de 70 do século XX e que somente no último decênio se tornou visível nas urnas. Além disso, ainda na década de 80 do século XX, a Diocese de Propriá criou uma nova manifestação religiosa de coloração popular e progressista: a romaria da terra, controlada pelo clero e voltada para a conscientização dos camponeses (FRENCH, 2007).

Considerações finais

Nesse artigo discutimos a trajetória da segunda maior romaria de Sergipe, realizada todos os anos no último final de semana de janeiro na cidade Propriá, desde 1921. Trata-se de uma devoção que se popularizou e envolveu importantes segmentos da sociedade sergipana em sua trama. Certamente não se trata apenas do caráter devocional. A romaria de Bom Jesus dos Navegantes foi o palco privilegiado de importantes culturas políticas, que em alguns momentos tentaram se conciliar, em outros entraram em confronto.

Nos dois casos, sempre o foco foi a parcela pobre da população, as camadas populares da sociedade que expressavam um catolicismo visto como desviante e ameaçava a estabilidade da evangelização romanizadora da Igreja e a ordem pública dos anseios do poder público municipal. A festa também se constituiu em fresta que possibilita a inteligibilidade da mudança de foco do clero diocesano em relação aos pobres. O que deveria ser mudando na perspectiva doutrinária e devocional, passou a ser visto como problema social. Os antigos aliados no processo civilizatório se tornaram vilões. Assim, as águas do Velho Chico nas quais deslizavam as embarcações da procissão do Bom Jesus dos Navegantes, considerado o timoneiro da Igreja, conduziram o clero diocesano por longas tempestades. Uma esteve presente ao longo de toda viagem e de forma bem próxima. Era a religiosidade dos pobres, vista como supersticiosa e anacrônica, perpassou pelo tempo e se transformou em atrativo de turistas. A outra, vinda de longe, foi combatida com veemência e assolada pelo golpe civil-militar de 1964. Era a destruição do medo comunista. A terceira, segundo o clero, por ironia do destino, levou o clero a enxergar os pobres sobre outro enfoque, como vítimas da

espoliação empreendida pelos poderosos. Com isso, a romaria de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá nos revela a oscilação de diferentes culturas políticas engendradas na sociedade, conflitantes, complexas e plurais. A festa não é o espelho da sociedade, mas a própria sociedade ritualizada, em cena.

Notas

¹ JOÃO. Evangelho. BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1386.

² BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1227.

³ Tipo de embarcação usado para transportar passageiros nos rios São Francisco e Sergipe.

⁴ Festa do Bom Jesus dos Navegantes. In: *A Defesa*. Ano XXIX, nº 373. Propriá, 28-01-1962, p. 1, col. 1 a 5.

⁵ Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá. In: *A Defesa*. Ano XXXI, nº 416. Propriá, 19-01-1964, p. 4, col. 1.

⁶ BODAS DE PRATA. Da festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá. In: *Correio de Propriá*. Ano XIV, nº 15. Propriá, 27-01-1946, p. 1, col. 1.

⁷ Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá. In: *A Defesa*. Ano XXXI, nº 416. Propriá, 19-01-1964, p. 1, col. 1.

⁸ Os mastros eram erguidos nos seguintes bairros: Tecido, Poeira, Pau de Arara e Banca de Peixe. Atualmente o Tecido é denominado Avenida Prefeito Nelson Melo e o Pau de Arara Avenida Quintino Bocaiúva.

⁹ Destacavam-se as bandas de pífano do povoado São Miguel e o Santo Antônio, da cidade.

¹⁰ BRITTO, Adelina Amélia Vieira Lubambo de. *A Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá-SE: História de Fé, espaço de relações sociais e laços culturais*. Natal, 82f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFRN, 2010, p. 34.

¹¹ Programa da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá. In: *A Defesa*. Ano XXXI, nº 552. Propriá, 30-01-1972, p. 1, col. 1

¹² Boas vindas. In: *A Defesa*. Ano XXXI, nº 552. Propriá, 30-01-1972, p. 1.

¹³ Severiano Cardoso nasceu em Estância em 1840. Era irmão de Brício Cardoso e atuou como um dos principais intelectuais de Sergipe no início do século XX, produzindo inúmeras peças teatrais. Cf. SANTOS, Fernanda Maria dos. *A escrita da história de Severiano Cardoso no entardecer do século XIX*. São Cristóvão, 33f. M

- ¹⁴ Programa da festa. In: *A Defesa*. Ano XXXVII, nº 625. Propriá, 15-01-1978, p. 1.
- ¹⁵ POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 9.
- ¹⁶ Procissão de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá, dia 28 de janeiro. In: *A Defesa*. Ano XXXVIII, nº 638. Propriá, 14-01-1979, p. 1, col. 1.
- ¹⁷ Festa de Bom Jesus dos Navegantes. In: *A Defesa*. Ano XXI, nº 373. Propriá, 28-01-1962, p. 1, col. 1-5.
- ¹⁸ CASTRO, Dom José Brandão de. Palavras do Bispo Diocesano, ao Evangelho da Missa. In: *A Defesa*. Ano XXI, nº 418. Propriá, 23-02-1964, p. 2, col. 5. (Grifos meus).
- ¹⁹ Na Bélgica havia um número significativo de padres e religiosos integrantes de inúmeras ordens. No mesmo momento, no Brasil, os prelados se empenhavam na tentativa de convidar os religiosos de países como Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Holanda e Irlanda para assumirem os principais centros de romarias.
- ²⁰ Festivamente recebidos em Propriá os Redentoristas. In: *A Defesa*. Ano XXXI, nº 418. Propriá, 23-02-1964, p. 1, col. 1.
- ²¹ Congregação dos Padres Marianos. In: *A Defesa*. Ano XXI, nº 415. Propriá, 03-01-1964, p. 4, col. 1.
- ²² Festa de Bom Jesus dos Navegantes. In: *A Defesa*. Ano XXI, nº 373. Propriá, 28-01-1962, p. 1, col. 1.
- ²³ A segunda metade do século XX implica na expansão das igrejas evangélicas em Sergipe.
- ²⁴ Reforma agrária e outras. In: *A Defesa*. Ano XXIII, nº 416. Propriá, 19-01-1964, p. 3, col. 1.
- ²⁵ Conflitos sociais. In: *A Defesa*. Propriá, nº 703, fevereiro de 1984, p. 4.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Martha Campos. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ANDRADE, Solange Ramos. As devoções marinas na História do Paraná. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*.
- BEOZZO, José Oscar. *Padres Conciliares Brasileiros no Concílio do Vaticano II: participação e prosopografia (1959-1965)*. São Paulo, 463f. Tese (Doutorado em História Social). USP, 2001.
- BOFF, L. & BOFF, C. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BRITTO, Adelina Amélia Vieira Lubambo de. *A Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá-SE: História de Fé, espaço de relações sociais e laços culturais*. Natal, 82f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFRN, 2010.

CARDOSO, Célia Costa. Políticos cassados em Sergipe em 1964. *Cadernos do tempo Presente*. Nº 2. São Cristóvão-SE, 2009.

CARDOSO, Severiano. *Corografia de Sergipe*. Aracaju: manuscrito do IHGSE, 1895.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 1988, p. 481.

CASTRO, Dom José Brandão de. Homilia de encerramento da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá. In: *A Defesa*. Ano XXI, nº 418. Propriá, 23-02-1964, p. 2, col. 1-5.

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. *Terra dos índios Xokó*. São Paulo: Comissão Pró Índio de São Paulo, 1980.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 65.

FRANÇA, Alex Sandro do Santos. *A Conversão de Dom José Brandão de Castro: a ação social de mediadores religiosos na Diocese de Propriá*. Recife, 155. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPE, 2004.

FREITAS, Oswaldo. A função da Igreja. *A Defesa*. Nº 639. Propriá, 11-02-1979, p. 4, col. 1.

FRENCH, Jan Hoffman. Atale of two priests and two struggles: liberation theology from dictatorship to democracy in the brazilian northeast. *The Americas*. N. 63, 2007, p. 409-443.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: SOVIK, Liv. (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003, p. 247-266, p. 260.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 3. São Paulo: Paulinas, 2003.

NASCIMENTO FILHO, Isaías Carlos. *Dom Brandão, o profeta do povo de Deus no Baixo São Francisco*. Recife, 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UNICAP, 2012.

NUNES, Verônica Maria Meneses. *Laranjeiras: de cidade histórica à encontro cultural: busca de elementos para integração da ação cultural*. Rio de Janeiro, 1993. 135 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Centros Culturais) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, 1993. Orientadores: Arno Wheling e Beatriz Góis Dantas.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, n 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 4.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2ª Ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 36.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O 1º FASC e a política cultural do Estado autoritário. *Cadernos UFS – História*. Vol. 1, nº 1. São Cristóvão, 1995, p. 11-16.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Desastre de Ano Bom: tristes lembranças da festa de Bom Jesus dos Navegantes de 1911 em Aracaju. *Caderno do Estudante*. Vol. 5. Nº 4. Aracaju, 2006, p. 35-41.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A súdita do Senhor dos Milagres e os bastidores da Festa de Passos em Sergipe. *Revista Horizonte*. Vol. 9, nº 20, Belo Horizonte, 2011, p. 9-21.

THOMPSON, Eduard. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Trad. Antônio Luigi Negro; Sérgio Silva. Campinas-SP: Unicamp, 2007.